

OLHARES DOS PROFESSORES INDÍGENAS SOBRE A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

VIEWS OF INDIGENOUS TEACHERS ON THE INSERTION OF DIGITAL TECHNOLOGIES AND SOCIAL NETWORKS IN EDUCATION AND PEDAGOGICAL PRACTICE

Rosimeire Martins RÉGIS DOS SANTOS¹ e Maria Cristina LIMA PANIAGO²

¹ *Universidad Católica Dom Bosco, Brasil*

profarosimeireregis@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5744-4778>

² *Universidad Católica Dom Bosco, Brasil*

cristina@ucdb.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8631-496>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir parte de uma formação continuada de professores que ocorreu em ambiente presencial e virtual. A pesquisa faz parte do projeto intitulado «Formação Tecnológica Continuada de Professores Indígenas e não indígenas em Comunidade Virtual e Multicultural: interconectividade e colaboração», subsidiada pelo CNPq e FUNDECT e que se desenvolveu durante cinco anos. A pesquisa contou com pesquisadores membros do Grupo de Pesquisa e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED) pertencentes à Universidade Católica Dom Bosco e com professores da escola indígena situada na Aldeia Bananal. Neste recorte, centramos nos olhares dos professores indígenas sobre a inserção das tecnologias digitais e redes sociais na educação e na prática pedagógica. Adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico virtual, utilizamos anotações de campo que foram organizadas coletivamente por meio de trocas virtuais, postagens na rede social Facebook, registros no google docs e momentos de observação participante em reuniões e encontros presenciais. Os professores indígenas apontam que os enriquecidos diálogos proporcionados pelas redes sociais têm oferecido um processo permanente de construção do conhecimento, de debate, de partilha de experiências, de reflexão, abrindo espaços para a transformação de realidades, práticas, conceitos e crenças e nos levam a refletir que conforme as circunstâncias cotidianas em que vivem e trabalham, vão nos mostrando que, criativamente, eles vão inventando, combinando e aprendendo usos diversos com a rede social (*Facebook*), a tecnologia (livro) e o equipamento tecnológicos (*notebook*), se engendram, em meio às práticas

cotidianas na interação com o outro, no compartilhar, na pesquisa e por fim, deixam as marcas dos praticantes da escola.

PALAVRAS-CHAVE: professores indígenas; redes sociais; tecnologias digitais; etnografia virtual.

ABSTRACT: This work aims to discuss part of the continuing education of teachers that took place in a face-to-face and virtual environment. The research is part of the project entitled «Continuing Technological Training of Indigenous and Non-Indigenous Teachers in a Virtual and Multicultural Community: Interconnectivity and Collaboration», subsidized by CNPq and FUNDECT and which was carried out for five years. The research included researchers who are members of the Group of Research and Studies in Educational Technology and Distance Education (GETED) belonging to the Dom Bosco Catholic University and with teachers from the indigenous school located in Aldeia Bananal. In this section, we focus on the views of indigenous teachers on the insertion of digital technologies and social networks in education and in pedagogical practice. A qualitative research approach of virtual ethnographic nature was adopted, we used field notes that were collectively organized through virtual exchanges, posts on the social network Facebook, records on google docs and moments of participant observation in meetings and face-to-face meetings. Indigenous teachers point out that the enriched dialogues provided by social networks have offered a permanent process of knowledge construction, debate, sharing of experiences, reflection, opening spaces for the transformation of realities, practices, concepts and beliefs and leading us to reflect that according to the daily circumstances in which they live and work show us that, creatively, they are inventing, combining and learning different uses with the social network (facebook), technology (book) and technological equipment (notebook), engendered, in through everyday practices in interacting with others, in sharing, in research and finally, they leave the marks of the school's practitioners.

KEYWORDS: indigenous teachers; social networks; digital technologies; virtual ethnography.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um recorte de uma tese de Doutorado em Educação com foco em uma formação continuada de professores indígenas e não indígenas que ocorreu em ambiente presencial e virtual, possibilitará uma reflexão dos desafios e possibilidades da inserção das TIC e redes sociais na educação e na prática docente.

Os professores indígenas da Escola Municipal Indígena Pólo General Rondon, Aldeia Bananal habitada por índios Terena, localizada no distrito de Taunay, município de Aquidauana/MS, orgulham-se da sua identidade cultural que emerge do seu pertencimento étnico, linguístico e religioso. Alguns dos professores são falantes da língua Terena e estudaram ou estudam em escolas públicas e universidades do estado de MS e estão sempre buscando aperfeiçoamentos para assumir a educação escolar indígena nas escolas existentes nas Aldeias daquela região.

As TIC, para esse grupo de professores em formação continuada, vêm provocando mudanças em suas formas de pensar, agir e interagir com os outros. Há uma espécie de incorporação desta nova realidade do ciberespaço em suas vidas. Há desafios nesta incorporação e os depoimentos dos professores apontam que eles buscam conhecimentos de como inserir as TIC na sala de aula de forma aberta, crítica e reflexiva, mesmo com as dificuldades de acesso aos computadores e à internet, e de falta de equipamentos que são constantes.

2. METODOLOGIA

Adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico virtual, utilizamos anotações de campo que foram organizadas coletivamente por meio de trocas virtuais, postagens na rede social *Facebook*, registros no google docs e momentos de observação participante em reuniões e encontros presenciais.

A etnografia virtual (Hine, 2000) tem sido usada para pesquisar redes sociais *online* estabelecidas em diversos suportes. Hine (2000) reforça que a etnografia virtual analisa as práticas sociais na Internet e o sentido destas para os participantes.

Os pesquisadores formadores não indígenas totalizaram cinco, sendo três com formação que contempla mestrado e 2 com doutorado, todos os professores formadores são estudiosos das TIC e Redes Sociais na educação, integrantes do GETED. Apesar do foco desta pesquisa ser os professores indígenas, os professores não indígenas também dialogaram e participaram da formação, contribuindo para o entendimento do cenário intercultural.

Somavam na formação como pesquisadores formadores iniciantes 4, alunos do PIBIC, todos os pesquisadores formadores e alunos do PIBIC são integrantes do grupo de Pesquisa GETED que discute a formação e o uso das (TIC) e redes sociais no âmbito educacional presencial e a distância.

Quando iniciamos a formação na escola indígena, todo o grupo de professores totalizando 23, foi convidado a participar da formação continuada, entretanto apenas 8 aceitaram o convite e continuaram na formação continuada tecnológica.

3. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO

As TIC estão carregadas de atratividades, mas essas não podem ser minimizadas a meros fetiches para sua utilização, precisamos compreendê-las e utilizar a favor da educação, como Pierre Lévy (1999, p. 12) afirma:

[...] permaneçamos abertos, receptivos em relação as novidades. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para

a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista.

Apresentamos a concepção de rede social com esteio nas ideias de Recuero (2009, p. 69), «uma rede social é sempre um conjunto de atores e suas relações». Ainda afirma a autora que redes são dinâmicas e estão sempre em transformação. As pessoas estão se adaptando aos novos tempos, acessando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais.

Ao participar de uma rede social, podemos navegar nas informações disponíveis a qualquer momento, em qualquer lugar, aprofundar o conhecimento, trocar ideias com outros integrantes, partilhar conteúdos, explorar outras possibilidades de criar e formular problemas, articulando saberes e experiências.

Nesse sentido, Bressane (2006, p. 130) alega que a nova realidade educacional deve ser:

[...] conhecida, vivenciada e apreendida criticamente pelos educadores. É preciso que todos possam ter a necessária fluência e compreensão do ensino mediado pelas tecnologias de informação e comunicação e outras redes para saber melhor aproveitá-las em suas atividades rotineiras de ensino, para ousar e transformar.

Para a necessária fluência, compreensão e apropriação das TIC e redes sociais na educação, um aspecto que poderíamos problematizar são as mudanças no sentido de criar condições para a capacitação dos cidadãos, contribuindo para minimizar a exclusão social, de forma a atenuar ou superar as disparidades regionais, ampliando-se as oportunidades de acesso às fontes disponíveis na rede, sobretudo, para o uso dos recursos que possam alavancar o processo de ensino e aprendizagem de alunos e professores.

Na concepção de Okada (2011, p. 12), «as redes sociais podem ampliar suas construções coletivas do conhecimento, quando coaprendentes, aprendizes, educadores, pesquisadores e profissionais contribuem com novas coautorias de produções abertas, *feedback* coletivo compartilhado».

4. OLHARES DOS PROFESSORES INDÍGENAS SOBRE A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

As tecnologias digitais, para esse grupo de professores em formação continuada, vêm provocando mudanças em suas formas de pensar, agir e interagir com os outros. Há uma espécie de incorporação desta realidade do ciberespaço em suas vidas. Há desafios nesta incorporação e os depoimentos dos professores apontam que eles buscam conhecimentos de como inserir as TIC na sala de aula de forma aberta, crítica e reflexiva, mesmo com as dificuldades de acesso aos computadores e à internet, e de falta de equipamentos que são constantes, como evidenciam os excertos a seguir: «Tou com problema na internet. táh muituuu ruim a conexão e não ta

carregando vídeo na sexta vou pra cidade e vou postar no cyber» (PT8). «Seria mto interessante se nós tivéssemos equipamentos pra atender a nossa demanda!!!» (PT1). «Os computadores nos ajudam muito no nosso dia a dia, pena que nossos alunos não possam ter acesso de forma concreta a essa ferramenta»; «Vejo que infelizmente não foi possível a reunião por skype, pois ainda a tecnologia na Aldeia esta sendo inserida aos poucos, e as dificuldades em utiliza-la de forma eficaz e adequada ao curso ainda é um desafio, mas sugiro marcarmos uma conversa pelo face para abordarmos o tema 'Pintura corporal' que foi sugerido fazermos por skype» (PT5).

Para Kenski:

[...] a escola pode integrar-se ao universo digital para concretizar diferentes objetivos educacionais. No entanto, para que a escola possa estar conectada ao ambiente tecnológico das redes é preciso, antes de tudo, possuir infraestrutura adequada: computadores em número suficiente, de acordo com a demanda prevista para sua utilização; modems e formas diversificadas e velozes de conexão (via telefone, cabo, rádio). (2012, p. 71)

Os professores em formação mostram que as tecnologias requerem outras metodologias e formas de ensinar e aprender. Barreto (2001) expõe que «as tecnologias provocam os docentes a mudanças de ações e de formas de ensinar, e isso tem redimensionado também na formação do professor. Ainda, os professores expressam que buscam compreender as transformações oportunizadas pelas TIC, mesmo frente às situações de desconforto, dificuldade e estranhamento, isto é, para esses professores faz sentido pensar o futuro das crianças indígenas em função das mudanças que ocorrem proporcionadas pelas TIC no espaço escolar e isso faz parte da formação do professor. Kenski (2007) ressalta que «o professor é um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais».

Essas questões sustentam a ideia de que os espaços educacionais têm de preparar os cidadãos para lidar com os avanços proporcionados pelas TIC. Além disso, garantir nos cursos de formação inicial e continuada uma disciplina específica, articulada ao currículo, que problematiza criticamente a integração das TIC à proposta de ensino e aprendizagem.

O depoimento da professora, a seguir, chama a nossa atenção para os desafios apontados por Kenski (2007) relativos ao processo de ensino e aprendizagem e da realidade de cada contexto escolar.

[...] utilizar o que temos em nossas escolas de forma planejada, e ousar, com o objetivo de trazer as ferramentas tecnológicas a favor da educação. Nas comunidades indígenas, as crianças estão conhecendo, ficam deslumbradas. É necessário mostrar a elas que o uso correto destas ferramentas contribuem no aprendizado e pode ser o maior aliado do professor. E que através da internet abre-se uma infinidade de possibilidades de aprendizagem, tanto ao aluno quanto ao professor. (PT5).

A PT5, ao acompanhar uma postagem no *Facebook*, colaborou pontuando a importância da formação do sujeito e cidadão crítico. Ela expressa pertencer a um grupo de comunidade indígena que tem dificuldades de acesso às TIC e à capacitação docente. Isto nos faz refletir sobre os diferentes cotidianos docentes em processos de formação continuada. Também nos

chama a atenção para as crianças que estão conhecendo as ferramentas tecnológicas e a importância do professor em utilizá-las de forma planejada e ousada.

Desta forma, a PT5 pensa em suas práticas e procura atualizá-las com experimentações pedagógicas, possibilitando outras aprendizagens. De acordo com Giroux (2002, p. 88) «os estudantes devem ser ensinados para viver um mundo amplamente globalizado», entretanto de maneira crítica, não homogeneizadora, não mercantilista e que priorize as diferentes identidades.

Tassinari (2001, p. 52), ao abordar a questão do contato entre povos e culturas, marcado pela globalização, pelo avanço do capitalismo, englobando populações e territórios destaca que a vida nas Aldeias indígenas mostra que «nem tudo se move de acordo com os ritmos e as exigências do mercado ou do mundo globalizado».

Assim, acreditamos que a educação em contextos de globalização não pode ser indissociável da história, da cultura, da sociedade, dos saberes, do desenvolvimento sustentável, da humanidade, do planeta e dos seres que vivem nele. Nesse sentido, entendemos a globalização sustentada pelos princípios da autonomia, do protagonismo, da sensibilidade à diversidade cultural, integrando as forças da solidariedade e coletividade com os cidadãos.

Pensar a formação de professores em um contexto de globalização é adaptar-se às oportunidades de aprendizagem e autonomia em relação à busca do conhecimento, da liberdade. Entendemos a necessidade de olhá-las em uma nova perspectiva, como relata a professora PT5: «[...] pois temos que nos adaptar com as tecnologias de acordo com a realidade em que nos encontramos, situações vivenciadas, seja dentro das Aldeias ou fora dela».

No entanto, poderíamos pensar em tomar o cuidado de preservar esta realizada apontada pela (PT5), ou seja, a tecnologia deve adaptar-se à realidade e não a realidade adaptar-se à tecnologia. Por estarmos inseridos em uma sociedade cada vez mais digital, na qual as tecnologias de informação e comunicação estão presentes, sentimos que podemos contribuir para a formação continuada destes professores em uma perspectiva inclusiva, cultural, criando novas formas de interação. No ciberespaço, as pessoas falam, escrevem, trocam ideias em tempo real, criam grupos para discutir assuntos de interesses com pessoas de diversas partes do mundo e isso proporciona maximizar as possibilidades dos docentes na prática pedagógica por meio de um diálogo intercultural.

O que se propõe para a formação é que os professores possam se apropriar das TIC por meio de casos concretos, a partir da realidade da escola, ampliando as possibilidades de aprendizagem, desde que seja de forma planejada e crítica, como destaca a professora Terena (PT5). Ou seja, a formação de professores deveria ser, cada vez mais, uma atividade de grupo, com equipes que discutem e preparam coletivamente conteúdos de formação para utilizar esse conhecimento na vida prática, conforme a realidade do contexto, não deixando desaparecer as características culturais dos estudantes, da comunidade, deixando aflorar percepções e situações vividas no dia a dia, que interferem em sua prática profissional.

Os enriquecidos diálogos proporcionados pelas redes sociais têm nos oferecido um processo permanente de construção do conhecimento, de debate, de partilha de experiências, de reflexão, abrindo espaços para a transformação de nossas realidades, práticas, conceitos e crenças.

Não se pode negar que as TIC e redes sociais oferecem aos cidadãos infinitas possibilidades de pesquisar, localizar, extrair, avaliar criticamente, organizar e utilizar as informações. Elas podem ampliar nossos olhares sobre possibilidades e limitações na educação.

Sabemos que os governos federal, estaduais e municipais estimulam a expansão e o uso das TIC. Mas, questionamos como as TIC possibilitam reduzir as desigualdades e fomentar a produção e circulação de informações e conteúdos para todos. Ainda, ao olhar e trabalhar no cotidiano dos professores indígenas, pudemos conhecer a realidade vivida por eles quanto à falta de subsídios tecnológicos e de formação que vivenciam, conforme se vê no excerto a seguir:

[...] a PT5, menciona que possui internet na casa dela e que os professores solicitavam atividades e ela trazia de casa. Ainda, argumenta a professora que nem todos os professores estão preparados para utilizar computadores e internet e, destaca que alguns professores não fizeram curso de computação, não sabem como pesquisar, procurar documentos no computador e precisam de um curso básico.

Muitas vezes não sabemos das dificuldades que enfrentam os professores para inserir as tecnologias no currículo escolar, das lutas travadas, da carência de recursos e cursos de formação. Fala-se da necessidade de ampliar e promover o uso das TIC no contexto escolar, por outro lado, cada vez mais ouvimos e vemos sendo construídas imagens de iniciativas de investimento em novas tecnologias, como por exemplo, lousa digital, laptop e tablet, como meio de potencializar o aprendizado. O questionamento seria: É disto que os professores precisam? Conhecemos a realidade da escola? Existe formação continuada de professores para aprender a utilizá-las e fazer uso integrado dos recursos computacionais aos conteúdos curriculares?

Segundo Soares-Leite e Nascimento-Ribeiro (2012, p. 177):

[...] as políticas públicas nesse campo privilegiaram o acesso às TIC e o desenvolvimento da infraestrutura, mas pouco se discutiu a alfabetização digital de professores e outros profissionais. A questão central para as políticas públicas de estímulo às inovações tecnológicas na educação é, um campo no ponto de vista das autoras que precisa de investigação.

Assim, desenvolver e acompanhar as políticas de formação continuada de professores é um dos pilares para a inserção das TIC e redes sociais na prática pedagógica, esta inserção na sala de aula requer bons equipamentos e quantidade de equipamentos para atender à demanda da escola, boa conexão de acesso com a internet; móveis adequados (questões ergonômicas), uma equipe para dar suporte na manutenção de equipamentos (computadores, notebook, e internet); condições para a formação de professores, condições de trabalho do professor (piso salarial adequado e carga horária), formação no uso dos instrumentos/recursos do computador e da internet e formação de professores para o uso das TIC e redes sociais na escola como apoio ao trabalho pedagógico.

Não bastam iniciativas de uma alternativa para a capacitação em informática e sim professores letrados digitalmente, ou seja, «ser letrado digital representa, assim, a realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem textos, imagens, sons, códigos

variados, num novo formato, em hipertexto, tendo como suporte o ambiente digital» (Arco-verde, 2007, p. 19).

Nas palavras de Barreto (2001, p. 155), «é preciso pensar a informática educativa, no sentido de incorporação educacional de seus recursos». Mais ainda, é preciso redimensionar as TIC e redes sociais em relação à educação como direito e prática emancipatória. Portanto, é preciso inventar e socializar práticas que incentivem agregar novos sentidos à formação inicial e continuada e à prática docente com as TIC e Redes Sociais.

Neste sentido, acreditamos que os apoios necessários devem ser garantidos para a implementação da formação continuada sobre o uso da TIC e redes sociais nas escolas contemplando em especificidade os desafios do cotidiano escolar.

Uma das possibilidades para outras práticas pedagógicas e formas de ensinar e aprender é o uso das redes sociais. Elas podem ser um caminho para construir conhecimentos, conforme Okada (2011, p. 12), «as redes sociais podem ampliar suas construções coletivas do conhecimento». Para este grupo de professores, há potenciais usos das TIC e redes sociais na prática pedagógica:

[...] através da rede podemos estar inteirados das atividades, principalmente nas trocas de experiências e adquirir conhecimentos. (PT1)

O facebook é uma ferramenta importante para acompanharmos e ficarmos conectados com o mundo... [...] encontrei muito material de aula que vai ser útil no link que você divulgou. Adorei! (PT4)

[...] nós indígenas já estamos inseridos no mundo virtual, e são poucos os que ainda não sabem manuseá-lo. Eu sou uma dessas, mas procurando melhorar, já estou até gravando vídeo na minha aula com o notebook que recebi de vocês no projeto. Os alunos adoram! (PT5)

Faz-se necessário conectar-se na internet pois abre possibilidades à pesquisa, aprendizagem e a uma nova e ampliação da visão de mundo. (PT8)

Esses e outros excertos nos levam a refletir que os professores indígenas, conforme as circunstâncias cotidianas em que vivem e trabalham, vão nos mostrando que, criativamente, eles inventam, combinam e aprendem usos diversos com a rede social (*Facebook*), a tecnologia (livro) e o equipamento tecnológicos (*notebook*), engendram-se, em meio às práticas cotidianas na interação com o outro, no compartilhar, na pesquisa e por fim, deixam as marcas dos praticantes da escola.

Para Freire (1996), a capacidade de experimentar, criar, recriar, interagir, integrar-se às condições de seu tempo e responder aos desafios que lhes são lançados são as condições que conferem aos homens e mulheres a especificidade que os fazem diferentes dos demais seres vivos e os lançam num domínio que lhes é exclusivo, ou seja, «o da História e o da cultura».

Desse modo, se pensarmos nos espaços mediados pelas TIC como pontos de encontros entre culturas que priorizam o diálogo e diferentes saberes, podemos nos aproximar à perspectiva da interculturalidade como pontua Walsh (2001, pp. 10-11): «[...] um processo dinâmico e

permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mutual, simetria e igualdade».

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como cada professor utiliza as TIC e redes sociais, na prática pedagógica, pode produzir sentidos diferentes. Cada sujeito na sua diferença pode expressar e produzir saberes, construindo o conhecimento coletivamente.

Muitas vezes não sabemos das dificuldades que enfrentam os professores para inserir as tecnologias no currículo escolar, das lutas travadas, da carência de recursos e cursos de formação.

Acreditamos que a educação em contextos de globalização não pode ser indissociável da história, da cultura, da sociedade, dos saberes, do desenvolvimento sustentável, da humanidade, do planeta e dos seres que vivem nele.

Os professores indígenas apontam que os enriquecidos diálogos proporcionados pelas redes sociais têm oferecido um processo permanente de construção do conhecimento, de debate, de partilha de experiências, de reflexão, abrindo espaços para a transformação de realidades, práticas, conceitos e crenças e nos levam a refletir que conforme as circunstâncias cotidianas em que vivem e trabalham, vão nos mostrando que, criativamente, eles vão inventando, combinando e aprendendo usos diversos com a rede social (*Facebook*), a tecnologia (livro) e o equipamento tecnológicos (*notebook*), se engendram, em meio às práticas cotidianas na interação com o outro, no compartilhar, na pesquisa e por fim, deixam as marcas dos praticantes da escola.

REFERÊNCIAS

- Alves, N. A. (2000). Formação da professora e o uso de multimeios como direito. In V. Filé (Org.), *Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar* (pp. 25-40). Rio de Janeiro: DP&A.
- Anderi, E. G. C. & Toschi, M. S. (2012). Leitura: da tabuleta de argila a tela dos computadores. *Texto Digital* (UFSC), 8, 53-67. https://www.btd.uerj.br:8443/bitstream/1/7190/1/Dissertacao_Fabiana.pdf
- Arcoverde, R. D. de L. (2007). Prática de letramento no ambiente digital. *Revista Língua Escrita*, Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2, dez.
- Barreto, R. G. (Org.). (2001). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Bressane, T. B. da R. (2006). *Processos e Produtos no Ensino de Construção de Hipermídia*. São Paulo: PUC, 280 pp. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Freire, P. (1996). *Educação como prática da liberdade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Giroux, H. (2002). Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In T. T. Silva, *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação* (pp. 208-243). 4. ed. Petrópolis: Vozes.
- Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. London: SAGE Publications.

- Kenski, V. M. (2007). *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus.
- Kenski, V. M. (2012). *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, São Paulo, Brasil: Papirus.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. 34 ed. São Paulo.
- Okada, A. (2011). Coaprendizagem via comunidades abertas de pesquisa, práticas e recursos educacionais. *Revista e-curriculum*, São Paulo, 7(1), abril. Disponível em: <http://people.kmi.open.ac.uk/ale/papers/Okada_ecurriculum11.pdf>. Acesso em: 03 mar 2013.
- Okada, A. & Santos, E. O. (2004). Comunicação Interativa no Ciberespaço: utilizando interfaces gratuitas. *Revista Diálogo Educacional (PUCPR)*, Curitiba-PR, 4(14), 161-174.
- Recurero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Sampaio, M. N. & Leite, L. S. (1999). *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Soares-Leite, W. S. & Nascimento-Ribeiro, C. A. do. (2012). A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, 5(10), 173-187. Disponível em: <<http://www.redalyc.org>>. Acesso em: 34 fev 2014.
- Tassinari, A. M. I. (2001). *Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação*. São Paulo: Global.
- Valente, J. A. (Org.). (2003). *Formação de educadores para o uso da informática na escola*. Campinas: Unicamp.
- Walsh, C. (2001). *La educación intercultural en la Educación*. Perú: Ministerio de Educación (documento de trabalho).